



Spring Breakers, de Harmony Korine: um retrato da geração dos anos 2010

Bettina Wieth Gonçalves¹

Mestranda em Artes Visuais - PPGAV/UFPel e Bacharel em Cinema e Audiovisual - UFPel

Resumo: O texto analisa o filme *Spring Breakers* (2012), de Harmony Korine, associando aspectos da carreira do diretor com a evidente influência da cultura *pop* - desde a cena *underground* do rap americano até estrelas da *Music Television* (MTV) - sobre a geração apresentada no filme.

Palavras-chave: *Spring Breakers*, Harmony Korine, cultura *pop*, geração de 2010.

Abstract: This essay analyzes the movie *Spring Breakers*, by Harmony Korine, combining aspects of the director's career with the evident influence of pop culture - from the underground scene of american rap to stars of the channel Music Television (MTV) - on the generation presented in the movie.

Keywords: *Spring Breakers*, Harmony Korine, pop culture, 2010' generation.

Miley Cyrus é eleita a artista do ano de 2013 pela MTV americana. No mesmo intervalo de tempo, *Spring Breakers - Garotas perigosas* (*Spring Breakers*, Harmony Korine, EUA, 2012) é lançado no Brasil, muito aguardado por espectadores da MTV e demais consumidores de cultura *pop* do mundo. O filme traz atrizes amplamente conhecidas por seu trabalho em canais como *Disney Channel* e *ABC Family*, que, assim como Miley Cyrus, tem um grupo de fãs, em sua maioria, de idades entre 11 e 18 anos. Porém, em *Spring Breakers*, esta não é a única ligação com a cultura *teen*, já que a estética e identidade visual do filme são inteiramente compostas por elementos característicos deste público.

Com cores de algodão-doce, músicas da Britney Spears e um episódio de *My little pony* (James Wootton, Jayson Thiessen, EUA, 2010) sendo assistido pelas protagonistas Vanessa Hudgens e

¹ bettinawieth@hotmail.com

Selena Gomez, é fácil perceber o motivo pelo qual a ideia inicial de *Spring Breakers* agradaria tanto os fãs. Entretanto, como logo se nota na cena de abertura, um contraste violentamente óbvio é proposto pelo diretor, em uma longa sequência de uma típica festa americana recheadas de drogas, *topless*, música eletrônica, praia e vodca em pistolas de brinquedo.

A trama do filme se desenrola a partir do momento em que as quatro amigas, Faith (Selena Gomez), Cotty (Rachel Korine), Candy (Vanessa Hudgens) e Brit (Ashley Benson) decidem fazer uma viagem para St. Petersburg, na Florida, no período do famoso recesso de primavera. Imersas no tédio de seus dormitórios da faculdade e sem dinheiro suficiente para realizar a viagem, as amigas resolvem assaltar um restaurante, revelando assim ao espectador até onde estão dispostas a ir para aproveitar ao máximo as tão esperadas férias. Logo no início de sua viagem, as meninas se envolvem em confusões e acabam sendo presas. Assim, conhecem Alien (James Franco), um *rapper*, também traficante e *gangster*, famoso na localidade, que as tira da prisão e as hospeda em sua mansão, mudando completamente o rumo da viagem.

Em *Spring Breakers*, as lentes de Harmony Korine transitam entre a nitidez precisa e o fora-de-foco intencional. Porém, sua visão sempre é objetiva ao retratar as celebridades *teen* americanas em biquínis *neon*, que são o principal foco da publicidade do longa-metragem, valorizando exacerbadamente a juventude e sensualidade. Contudo, na verdade, há muito mais. De maneira extremamente direta e incisiva, pode-se dividir as expectativas e reações do público em dois campos, sendo o primeiro formado por espectadores já familiarizados, cultural e artisticamente, com o trabalho de Korine, e o segundo, por pessoas que procuram por lançamentos estrelados por seus ídolos *pop* favoritos. O primeiro campo tem por resultado um filme extraordinariamente irônico, desafiador e culturalmente relevante, já o segundo campo certamente considera *Spring Breakers* apenas um dos vários dramas adolescentes com requintes de exagero e crueldade. A divisão tão extrema de opiniões também pode ser resultado de um *marketing* confuso, que mesmo divulgando o filme sem muito sensacionalismo, foi mal interpretado devido à identidade visual exagerada e aos rostos das atrizes já estigmatizadas por suas carreiras.

A CULTURA POP E OS ANOS 2010

Como um diretor de filmes que certamente seriam considerados obscuros pela cultura popular, tais como *Gummo - Vidas sem destino* (Gummo, EUA, 1997), *Trash humpers* (EUA, 2009) e *Mister Lonely* (EUA, 2007), Harmony Korine decide tomar uma abordagem diferente e trazer à tona a questão da contraditória geração dos anos 2010. Lidando de maneira precoce e cotidiana com a violência, o sexo e o uso de drogas, esta geração acaba vivendo em um eterno conflito comportamental ao demonstrar, por outro lado, a extrema imaturidade e inconsequência inerentes a sua mentalidade infantil.

Mais *Assassinos por natureza* (Natural Born Killers, Oliver Stone, EUA, 1994) do que *Crossroads - Amigas para sempre* (Crossroads, Tamra Davis, EUA, 2002), o filme de Korine se destaca ao apresentar, de maneira inovadora, uma reflexão sobre a cultura jovem americana, amplamente disseminada no mundo inteiro. Os personagens principais do filme são de uma natureza excessivamente superficial e fútil, preocupando-se somente com a diversão e com o ego, muitas vezes ultrapassando o limite. O tédio e o sentimento de vazio são encarados de uma maneira extrema, inseridos no contexto do imediatismo dos jovens desta geração e de sua constante busca por novas sensações e experiências. Ainda que no roteiro ficcional de Korine este aspecto do comportamento dos jovens tenha sido levado ao extremo, diversas características desta geração que vive sua juventude nos anos 2010 são facilmente identificáveis na personalidade de cada personagem em *Spring Breakers*. Segundo dados obtidos através de pesquisas realizadas pelo *Pew Research Center*, nos Estados Unidos, a faixa etária deste grupo de jovens fica entre os 18 e os 25 anos, e a grande maioria afirma ter como objetivo, em primeiro lugar, a riqueza, e em segundo, a fama.

Com maior disponibilidade de informação e acesso a vários tipos de tecnologias, a geração dos anos 2010 cresceu com seus celulares, computadores, e, com grande influência da *internet*, se adaptou confortavelmente a um mundo de mudanças rápidas. Tendo isso em vista, é fácil compreender que estes jovens desfrutaram de uma liberdade de expressão muito maior do que as gerações anteriores. Estas questões, que refletem diretamente no comportamento e no estilo de vida destas pessoas, também desempenham um importan-

te papel no que diz respeito a temas como identidade, exibicionismo, autoestima, relacionamentos e sexo. Em *Spring Breakers*, além de incorporar estas características na construção psicológica dos personagens, o diretor também fez questão de evidenciá-las visualmente, através de tatuagens, *piercings*, cabelos coloridos, roupas e acessórios que seguem uma tendência usual entre os jovens americanos. Além da *internet*, a mídia televisiva e o jornalismo também são responsáveis pela forte disseminação da cultura *pop* americana, exaltando a todo o momento os privilégios e benefícios da fama na vida das celebridades. A evidente e constante influência de artistas *pop* como modelo comportamental para jovens dessa geração se mostra perigosa e abrangente, ao passo em que é comum que as notícias mostrem estas celebridades envolvidas em escândalos como os vividos pelas quatro amigas de *Spring Breakers*.

De modo semelhante, pode-se fazer a mesma analogia no contexto do recente *Bling ring – A gangue de Hollywood (The Bling Ring)*, Sofia Coppola, EUA, 2013), que choca ao mostrar a história real de uma gangue de adolescentes que invadem as casas de famosos por diversão. E, ao mesmo tempo, o filme exhibe a despreocupação desses jovens ao relacionarem atividades ilegais com a elevação de seu *status* no círculo social em que estão inseridos. Para a jornalista Nancy Jo Sales (2013), a temática da fama está profundamente enraizada na cultura americana. A autora ressalta que “não é de surpreender que o notável crescimento do complexo industrial em torno da noção de celebridade tenha acabado por afetar crianças e jovens. Pode-se dizer que garotos de hoje em dia estão, sem exagero, obcecados pela fama” (SALES, 2013, p. 43). Além disso, a supervalorização da futilidade e do consumismo, também presente em ambos os filmes, traz um questionamento atual sobre os diversos fatores que constroem a força da superficialidade. Com isso, presume-se que tanto Harmony Korine quanto Sofia Coppola acertaram nas datas de lançamento de seus filmes, encaixando-os em um contexto absurdamente propício e contemporâneo.

A TRAJETÓRIA DE KORINE

Apoiando-se em um orçamento mais amplo do que os de seus projetos anteriores, Harmony Korine utilizou do apelo comercial para ganhar mais visibilidade e conquistar um público diverso, conse-

guindo assim estabelecer da melhor maneira possível o diálogo que propõe. Todavia, quem conhece sua obra, percebe claramente a imparcialidade do diretor, que em nenhum momento pretende criticar ou julgar as ações de seus personagens, mas sim apresentar situações desconfortáveis e deixar que o espectador decida sobre qual seria a interpretação mais adequada.

Tanto em *Gummo* e *Trash humpers* quanto em *Julien donkey-boy* (EUA, 1999), Korine consegue criar um grande grau de afastamento do público com as desconhecidas e incômodas realidades representadas em uma singular estética VHS, que englobam o universo de personagens incomuns, vivendo um bizarro cotidiano. Já em *Spring Breakers*, com cores saturadas e sons vibrantes, o diretor dificulta este grau de distanciamento por escancarar aquilo que o espectador já se encontra familiarizado, um estilo de vida que é considerado relativamente comum. Os únicos momentos da narrativa que se aproximam de uma crítica mais explícita são as sequências em que as quatro meninas ligam para suas respectivas famílias e definem a viagem como uma experiência espiritual e marcante, relevante o suficiente para mudar suas percepções de vida, relatos impossíveis de serem levados a sério pelo espectador, fortalecendo assim sua desaprovação sobre aquele universo.

Fazendo uso de uma narrativa líquida, o roteiro de *Spring Breakers*, escrito por Harmony Korine, foi usado como um rascunho ao longo de sua execução, se moldando de acordo com a atmosfera das cenas, além de contar com o uso de improvisação por parte dos atores, como declarado pelo diretor em entrevista ao programa americano *Beyond the Trailer*, em 2012. A linguagem usada por Korine é dinâmica, o que propicia um ritmo acelerado, impressão que é fortalecida também pela estética do filme, que abusa de iluminação artificial e filtros coloridos, usados com muita frequência ao longo das principais cenas. Como uma influência para a narrativa de *Spring Breakers*, pode-se citar o roteiro de *Kids* (Larry Clark, EUA, 1995), escrito por Korine aos 19 anos, que explora muito a questão da adolescência em seus aspectos mais conturbados, mostrando de uma maneira intensa a geração dos anos 1990.

Desde muito cedo em sua vida, Harmony Korine esteve em contato com os temas que aborda em seus roteiros. Nascido em Bo-

linas, California, logo se mudou para Nashville, Tennessee, cidade em que viveu sua infância e parte da adolescência. Quando jovem, morava em um bairro de Nashville onde a cultura do *rap* e do *gangster* era predominante, tendo uma notável influência em seu trabalho mais tarde. Em entrevista ao site americano *Pitchfork*, o diretor declarou que “[...] quando eu era um menino, via aqueles caras passeando por aí em seus carros rebaixados, tocando música alta. Eu lembro de sentir aquele som no meu estômago. Era como bombas explodindo”. Dessa forma, se torna fácil perceber sua visão sobre a cultura *underground* do *rap*, muito presente em seu gosto pessoal, o que o levou a convidar o *rapper* Gucci Mane para interpretar o papel do *gangster* Archie, rival de Alien em *Spring Breakers*. Outras referências que refletem seu grande interesse no tema são seus, curta-metragem de ficção *Umshini wami* (EUA, 2011), que conta com a atuação de Ninja e Yo-Landi, integrantes do grupo de *rap* sul-africano Die Antwoord, e também seu videoclipe de *Living proof* (EUA, 2006) para a cantora Cat Power, em que utiliza uma estética completamente relacionada ao universo do *rap underground* norte-americano.

Como um diretor que realizou algumas experimentações em vídeos - são sete, no total - Harmony Korine levou muito desta linguagem característica para a execução de *Spring Breakers*. Suas longas sequências que apresentam as festas universitárias funcionam como um fluxo de imagens contínuo que acentuam um certo simbolismo videográfico, impressão reforçada também pelo ritmo sincronizado entre a montagem e a trilha sonora. Além disso, os efeitos em *slow motion* e as cores saturadas de *Spring Breakers* têm uma forte conexão com o videoclipe de *Sunday* (EUA, 2004), da banda Sonic Youth, também realizado por Korine, que dispõe dos mesmos recursos.

A LINGUAGEM FÍLMICA DE SPRING BREAKERS

Em sincronia com o progresso do filme, a trilha sonora atua também como um personagem, sendo responsável por várias sensações propostas pelo diretor e servindo como um apoio para a narrativa. Exemplificando, na cena-chave em que Candy, Cotty e Brit

estão a caminho do restaurante em que irão realizar um assalto, alternadamente, acontecem *flashbacks* dos momentos anteriores em que elas planejam e tomam coragem para agir. Nesses instantes, a voz *off* de Candy repete quase como um mantra: “Finja que está num filme, ou algo assim. Finja que é um videogame! Não podemos ter medo de nada.”, dando espaço para Korine e Randall Poster, seu supervisor musical, realizarem a oportuna escolha da música de Cliff Martinez, *Pretend it's like a videogame*, composta especialmente para o filme em uma versão *8-bit*, que musicalmente remete ao som de um *videogame*.

Estrategicamente, quase não há momentos sem música em *Spring Breakers*. Segundo o diretor, a escolha de Skrillex, músico californiano que é referência no gênero *dubstep*, como trilha central do filme, serve como um componente físico e representante da transcendente experiência com o uso de drogas continuamente retratada no filme, além de compor a criação dessa narrativa líquida por ser um músico também inserido nessa cultura. São várias as sequências em que Korine faz uso da música de Skrillex, nas quais percebe-se evidentemente uma montagem muito rítmica, quase musical, em que as imagens se fundem tanto com a trilha sonora que acabam virando refrões e *riffs*. A decisão de utilizar o *dubstep* de Skrillex foi concretizada após a experiência que o diretor teve ao assistir um show do músico, que descreveu em um trecho de sua entrevista ao site *Pitchfork* como “[...] é o que eu estava tentando traduzir para o filme - essa sensação física, visceral. Eu queria que a sala de cinema tremesse [...]”. A performance ao vivo do músico pode ser definida como uma experiência altamente energética e vibrante, provocando diversas sensações com sua música eletrônica, características próprias do que desejam os jovens da geração de 2010.

Outro forte elemento da trilha sonora de *Spring Breakers* é a cantora norte americana Britney Spears, inserida como uma das principais referências dessa “insanidade *pop*”, expressão usada por Harmony Korine, por ser considerada o símbolo de uma cultura mais intensa nos anos 2000, mas que permanece com força até hoje. Para o diretor, a música de Britney Spears transpõe uma energia que tem uma tendência romântica e até um pouco hipnótica, desempenhando tanto um papel de principal representante da música *pop*, quanto uma contradição da letra e melodia de sua

música. Em uma das cenas mais marcantes do filme, Alien, juntamente com Brit, Candy e Cotty, cantam a música *Everytime*, de Spears, à beira da piscina do *gangster*, que toca a melodia em um piano branco enquanto as três meninas dançam com fuzis e metralhadoras. Durante a música, cenas de assaltos violentos cometidos pelos quatro são mostradas intermitentemente, em câmera lenta, técnica que permite uma maior aproximação ao ritmo da música, além de exprimir a obviedade da contradição ali representada. Desse modo, o diretor deixa explícita uma sensibilidade não esperada por parte do personagem de James Franco, que inclusive define a cantora como “uma das melhores cantoras de todos os tempos, e um anjo como nenhum outro na Terra”, também demonstrando que *Everytime* serve como uma declaração de Alien para Brit, Candy e Cotty.

Ao longo da narrativa, as personagens Cotty, Brit e Candy são construídas como três elementos que formam uma única personalidade, sendo difícil de identificar traços de individualidade entre elas, tanto por serem amigas de infância e passarem muito tempo juntas, quanto por realmente terem muito em comum. Como Faith, Selena Gomez interpreta a menina religiosa e também mais consciente do grupo, que em meio a sua vontade de se divertir e aproveitar as férias demonstra uma preocupação maior com sua segurança e parece não aprovar algumas atitudes das amigas. Ao conhecer Alien e, com ele, uma realidade mais obscura do *spring break*, Faith começa a questionar o rumo que a viagem tomou e desconfia desse novo ambiente, pressionando as amigas para irem embora. Em um dos diálogos das quatro meninas, após serem presas, a personagem de Selena Gomez reforça diversas vezes seu desconforto, “não é para isso que viemos. Isso não está certo! Eu só quero ir para casa”. Porém, para suas amigas, as novas mudanças parecem estar incluídas na diversão, o que faz com que Faith seja a primeira a retornar para Kentucky. No desenrolar da trama, a personagem de Rachel Korine acaba sendo a segunda a voltar para casa, demonstrando o mesmo sentimento de Faith, pois foi baleada em um dos conflitos de Alien com seu inimigo Archie. É assim que o espectador consegue realmente notar o verdadeiro caráter das personagens de Vanessa Hudgens e Ashley Benson, que assumem em definitivo o quanto se identificam com o mundo de assaltos, homicídios, drogas e dinheiro, não temendo nenhum tipo de consequência.

James Franco interpreta um personagem que tem uma envolvente conexão com as meninas, e se torna uma espécie de “príncipe encantado” repulsivo. Com o cabelo trançado, diversos *piercings*, tatuagens e um sotaque sulista carregado, o *rapper* se torna muito presente no cotidiano das amigas ao introduzi-las completamente em seu universo, fazendo com que enxerguem todas as facilidades e benefícios daquele estilo de vida, o que acaba criando uma imediata cumplicidade entre Alien e as personagens de Hudgens, Benson e Korine. Tendo fortes influências de *rappers* da cultura *underground* americana, a construção do personagem de Franco foi repleta de referências vindas do *trap rap*, vertente musical originada do *rap* que é muito associada com o mundo violento de gangues envolvidas no tráfico de drogas, com artistas como RiFF RAFF e Dangeruss, entre outros. Entretanto, durante as filmagens, enquanto James Franco se inspira em diversas personalidades para compor seu *white-rapper*, Gucci Mane interpreta a si mesmo com o personagem Archie, que é apresentado como o maior rival de Alien, pois possui toda a glória de uma espécie de “rei das ruas” de St. Petersburg, título que o personagem de Franco mais deseja. Conforme a trama avança, vários conflitos entre Alien e Archie acontecem, com muitas discussões, brigas e ameaças, o que leva os personagens a um confronto final definitivo, arquitetado por Alien, Brit e Candy, sendo uma situação que marca o inesperado desfecho do filme.

Pontuando estrategicamente os momentos fundamentais do longa-metragem com filtros de cores vivas e altos contrastes, a fotografia de Benoît Debie, que também realizou a mesma função em *Enter the void - Viagem alucinante* (Soudain Le Vide, Gaspar Noé, França, 2009), se utiliza de uma estética que valoriza muito a iluminação artificial e abusa de tons quentes e cítricos. Ao emular o que visualmente remete a uma alucinação causada pelo uso de drogas, o diretor de fotografia consegue criar com precisão uma atmosfera doce e ao mesmo tempo caótica, impressão reforçada principalmente pelo uso de luzes fosforescentes e pelo domínio de cores primárias em variadas escalas de intensidade. O jogo de cores é usado com exatidão para ressaltar a beleza dos diferentes tipos de pôr-do-sol presentes no filme, além de evidenciar visualmente a mudança de narrativa ao empregar uma temperatura de cor fria nos corredores acinzentados da universidade de Kentucky e, mais tarde, suavemente introduzir a mais variada paleta de *candy colors* com a chegada das meninas no litoral da Florida.

Acompanhando o ritmo da direção de fotografia, a figurinista Heidi Bivens desenvolve um trabalho notável e atento nos mínimos detalhes, que funciona em completa sintonia com a direção de arte de Almitra Corey. A sequência em que as meninas passeiam por St. Petersburg em suas motonetas consegue resumir visualmente o clima que perdura as férias de Faith, Brit, Candy e Cotty. Tanto no que diz respeito aos tons de pele alaranjados que remetem diretamente a essência do *spring break*, quanto na preocupação em combinar os biquínis das quatro meninas com a cor de suas motonetas. A paleta de cores é definida nos vários tons de rosa, amarelo e azul para as amigas, enquanto foca bastante no verde, branco, preto e vermelho para o traficante Alien. A escolha de Heidi Bivens para o figurino do personagem de James Franco foi bastante precisa, pois acabou conseguindo compor perfeitamente o estilo do *rapper*, que vai desde o uso de *grillz*, muitas joias de ouro e acessórios *gangster* intimidadores até algumas camisas exageradamente coloridas, lenços e bonés estampados que o deixam com uma aparência abertamente cafona e um pouco infantil, características que se encaixam muito bem em sua personalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De todo modo, não restam dúvidas sobre o fato de *Spring Breakers* divergir dos demais filmes que compõem a obra de Harmony Korine, seja por sua proposta irreverente ou pelo elenco de celebridades. Porém, com um olhar mais atento, percebe-se claramente que todos os elementos que caracterizam a assinatura do diretor estão presentes, não perdendo, em essência, sua maneira despreziosa, crua e singular de dirigir um filme. Ao ser questionado, em entrevista ao site australiano SBS Film, sobre as críticas, reações e expectativas do público com relação a sua mais recente realização, Korine comenta:

Eu jamais poderei ser capaz de fazer filmes para todos. Faço um tipo muito específico de filmes. Ao mesmo tempo que este filme diz muito, ele não diz nada. Eu não tenho nada a provar e o filme também não. Se ele irrita alguém, tudo bem, e se as pessoas o amam, também. [...] eu tento fazer filmes que são sólidos e

bonitos, e que afetem as pessoas. E espero que eles funcionem desta forma (BARLOW, s/d, online)

Assim, é possível observar que a proposta de *Spring Breakers* cumpre seu papel ao representar com clareza a geração dos anos 2010, pois envolve o espectador em uma realidade que não consegue rejeitar e nem evitar que o entretenha.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEYOND THE TRAILER. **Harmony Korine Interview by Grace Randolph**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=y4zbBNz3OtU>> Acesso em: 26 jun. 2014.

PEW RESEARCH CENTER. **How young people view their lives, future and politics**. Disponível em: <<http://pewsocialtrends.org/files/2010/10/300.pdf>> Acesso em: 26 jun. 2014.

PITCHFORK. **Interview with Harmony Korine by Carrie Battan**. Disponível em: <<http://pitchfork.com/features/interviews/9088-spring-breakers/1/>> Acesso em: 26 jun. 2014.

SALES, Nancy Jo. **Bling Ring. A gangue de Hollywood**. São Paulo: Intrínseca, 2013.

SBS FILM. **Harmony Korine and James Franco interview by Helen Barlow**. Disponível em: <<http://www.sbs.com.au/films/movie-news/906068/spring-breakers-harmony-korine-and-james-franco-interview>> Acesso em: 26 jun. 2014.

REFERÊNCIAS FÍLMICAS

ASSASSINOS POR NATUREZA. (Natural Born Killers). Direção de Oliver Stone. Estados Unidos, 1994. 118 min.

BLING RING - A GANGUE DE HOLLYWOOD. (The Bling Ring). Direção de Sofia Coppola. Estados Unidos, 2013. 90 min.

CROSSROADS - AMIGAS PARA SEMPRE. (Crossroads).
Direção de Tamra Davis. Estados Unidos, 2002. 93 min

ENTER THE VOID - VIAGEM ALUCINANTE. (Soudain Le Vide)
Direção de Gaspar Noé. França, 2009. 161 min.

GUMMO - VIDAS SEM DESTINO. (Gummo). Direção
de Harmony Korine. Estados Unidos, 1997. 89 min.

JULIEN DONKEY-BOY. Direção de Harmony
Korine. Estados Unidos, 1999. 97 min.

KIDS. Direção de Larry Clark. Estados Unidos, 1995. 91 min.

LIVING PROOF. Cat Power. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=-qQyWdJp1Eg>> Acesso em: 26 jun. 2014.

MISTER LONELY. Direção de Harmony Korine.
Estados Unidos, 2007. 112 min.

MY LITTLE PONY. Direção de James Wootton e
Jayson Thiessen. Estados Unidos, 2010. 23 min.

SPRING BREAKERS - GAROTAS PERIGOSAS. (Spring Breakers).
Direção de Harmony Korine. Estados Unidos, 2012. 93 min.

SUNDAY. Sonic Youth. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=2CXD8PK6Djc>> Acesso em: 26 jun. 2014.

TRASH HUMBERS. Direção de Harmony
Korine. Estados Unidos, 2009. 75 min.

UMSHINI WAMI. Direção de Harmony
Korine. Estados Unidos, 2011. 16 min.